

O corpo da mulher com deficiência intelectual nos discursos acadêmicos

The body of the woman to be intellectually disabled in the speeches of academic research

El cuerpo de la mujer intelectualmente discapacitada en los discursos de investigación académica

Alcilene Rodrigues Pereira

Mestra pela Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

alcilenerodrigues87@gmail.com

ORCID – <https://orcid.org/0000-0001-5118-6456>

Carla Mercês da Rocha Jatobá Ferreira

Professora doutora na Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil

carlajatobaferrreira@gmail.com

ORCID – <https://orcid.org/0000-0001-9888-7743>

Margareth Diniz

Professora doutora na Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil

dinizmargareth@gmail.com

ORCID – <https://orcid.org/0000-0001-6852-5389>

Recebido em 28 de julho de 2020

Aprovado em 6 de outubro de 2020

Publicado em 25 de novembro de 2020

RESUMO

O artigo visa compreender como as pesquisas acadêmicas expressam em seus discursos acerca dos corpos das mulheres ditas com deficiência intelectual. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico entre os anos de 2003 e 2020, em bases de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD-IBICT), Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no Cientific Eletronic Library Online (SciELO) e no GT 15 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED. Os descritores utilizados na busca foram: deficiência intelectual, gênero, corpo e sexualidade. A metodologia para análise dos dados encontrados circunscreveu-se em organizações temáticas das mesmas categorias elencadas para a busca. Como resultados da pesquisa, neste artigo, destaca-se a ausência de pesquisas que discutam a relação entre corpo e sexualidade das mulheres consideradas com deficiência intelectual. Com base nas produções discursivas reiteradas nas inúmeras pesquisas sobre os corpos das mulheres ditas com deficiência intelectual indicam que seus corpos são invisibilizados, evidenciando assim, a invisibilização dessas mulheres, bem como a reprodução que as fazem permanecer como corpos deficientes.

Palavras-chave: Mulheres; Deficiência intelectual; Corpo.

ABSTRACT

The article aims to understand how academic research expresses in their speeches about the bodies of women said to have intellectual disabilities.

To this end, a bibliographic survey was carried out between 2003 and 2020, in

Personnel (CAPES), the Cientific Eletronic Library Online (SciELO) and National Association of Graduate Studies and Research in Education - descriptors used for this search were: intellectual disability, gender, body and methodology used to analyze the data found was limited to temporal organization same categories listed for the search. As a result of the research, exposed in absence of research that discusses the relationship between body, gender and women considered with intellectual disabilities stands out. It is concluded the productions reiterated in the innumerable researches on the bodies of women with intellectual disabilities indicate that their bodies are disregarded, thus the invisibility of these women, as well as the reproduction of knowledge that makes disabled bodies.

Keywords: Women; intellectual disability; body.

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo comprender cómo la investigación académica produce discursos sobre los cuerpos de mujeres que se dice que tienen discapacidad intelectual. Para ello, se realizó un levantamiento bibliográfico entre 2003 y 2013 en las bases de datos de la Biblioteca Digital Brasileña de Tesis y Disertaciones (BDTD), el Banco de Tesis y Disertaciones de la Coordinación para el Perfeccionamiento de Educación Superior (CAPES), la Cientific Eletronic Library Online (SciELO) y la Asociación Nacional de Posgrado e Investigación en Educación - ANPED. Los términos utilizados para esta búsqueda fueron: discapacidad intelectual, género, cuerpo y sexualidad. La metodología utilizada para analizar los datos encontrados se limitó a la dimensión temporal, utilizando las mismas categorías enumeradas para la búsqueda. Como resultado de la investigación, expuesta en este artículo, se destaca la ausencia de investigaciones que discutan la relación entre cuerpo, género y sexualidad en las mujeres consideradas con discapacidad intelectual. Se concluye que las producciones reiteradas en las innumerables investigaciones sobre los cuerpos de mujeres con discapacidad intelectual señalan que sus cuerpos son desatendidos, evidenciando la invisibilidad de estas mujeres, así como la reproducción de conocimientos que hacen seguir siendo cuerpos discapacitados.

Palabras clave: Mujeres; discapacidad intelectual; cuerpo.

O Estado da arte e a produção dos corpos da mulher deficiente intelectual

Ao realizarmos o levantamento bibliográfico, para compor o referido referencial, visamos tanto a compreensão e a avaliação do conhecimento divulgado sobre os corpos das mulheres consideradas com deficiência intelectual, quanto a dimensão temporal das produções acadêmicas, analisando categorias e a multiplicidade de enfoques e perspectivas apontadas nas pesquisas.

Entendemos que o Estado da arte, como modalidade de pesquisa, circunscrição de um campo de saber relativo ao objeto de estudo, trajetórias, os percalços e os aspectos privilegiados na pesquisa. Acrescentamos características citadas outras elencadas por Ferreira (2002), referentes às condições que permitem pesquisadores e pesquisadoras para realizarem tal modalidade de pesquisa.

[...] sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já conhecido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente para a sociedade (FERREIRA, 2002, p. 259).

O presente artigo é parte de uma pesquisa de mestrado e aqui sistematizamos o Estado da arte, por meio de um levantamento realizado em dissertações e teses disponíveis na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD-IBICT), no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no *Cientific Eletronic Library Online* (GT 15 da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) que trata da Educação Especial. A partir desse levantamento, buscamos analisar a produção dos corpos de mulheres consideradas com deficiência intelectual expressos nas pesquisas acadêmicas, no período entre 2003 e 2020.

Ao considerarmos a importância de refletir sobre saberes produzidos por acadêmicos no que tange às representações de corpos de mulheres ditas com deficiência intelectual, estabelecemos considerações acerca das produções analisadas sob os descritores deficiência intelectual, gênero, corpo e sexualidade, recortamos e envolviam apenas os discursos acerca da deficiência intelectual, eixo nomeado como *deficiência intelectual e sexualidade*.

Longe de ser a natureza que reprime o sujeito com deficiência, a normalidade que relata quais performances são desejadas ou não para o contexto social. Gaudenzi e Ortega (2016) defendem que os discursos que articulam a ideia de competência no conceito de deficiência expõem a complexa situação em que as quais capacidades e habilidades são necessárias em um sujeito e quem tem o direito de estabelecê-las. A esse respeito, a cultura e os discursos são processos em constante produção, atualização e transformação de modelos simbólicos, por meio de ações individuais e coletivas, em contextos historicamente específicos e socialmente estruturados.

Os discursos constituídos ao longo do tempo acerca do sujeito dito com deficiência ainda permanecem em nosso contexto social. Com maior ou menor força, influência e hegemonia, todas as visões possuem posições no campo, cristalizadas em arranjos duradouros e transmissíveis de constituições e práticas de pensamento, ações e sentimentos de determinado grupo social.

A realidade social se estrutura de modo não linear, em jogos de linguagem e de verdades que visam conquistar um consenso que os legitime. Tudo pode questionar-se, desconstruir-se e modificar-se. Por meio do jogo dos discursos se modificam, se validam, se questionam, alteram criações e

espaço múltiplo não fixo. Então, construídos socialmente, todo discurso e podem ser questionadas e desconstruídas (BROGNA, 2009).

A primeira parte da investigação resultou na compilação de acadêmicos, abrangendo outras deficiências além da intelectual. Destacamos dois) trabalhos em que a deficiência intelectual foi abordada e adotada Estes serão os trabalhos analisados por nós.

Quanto ao referencial teórico adotado pelos(as) autores(as) em t podemos destacar a menção aos pesquisadores Goffman (1988), Glat (1991), Diniz (2007), citados em diferentes pesquisas. Notamos que nas pesquisas de Glat (2007), Santos e Osório (2010) e Silva (2015) os estudos de Michel Foucault são utilizados para análise do discurso. Enquanto Souza (2014) ateu-se às representações propostas por Alain Giami (2004).

Quanto à metodologia, encontramos na entrevista o principal instrumento de coleta de dados, sendo utilizada em 15 dos 32 trabalhos. Lüdke e André (2003) afirmam que “a entrevista é uma das principais técnicas de trabalho em quase todas as pesquisas utilizadas nas ciências sociais” (LÜDKE; ANDRÉ, 2003, p. 33). No respeito, as autoras seguem dizendo que “a grande vantagem das entrevistas técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LÜDKE; ANDRÉ, 2003, p. 34).

A análise documental, combinada a outras técnicas, como observação participante, grupo focal e oficinas, obteve destaque em alguns trabalhos. Ao longo do texto são apresentados os resultados obtidos por estas pesquisas e para fins de organização obedeceremos à ordem temporal dos trabalhos encontrados. No decorrer do texto, tais achados, faremos a discussão que nos interessa, destacando aspectos relacionados à concepção e representação acadêmica sobre o corpo das mulheres com deficiência intelectual.

Pesquisas realizadas entre 2003 e 2007

Neste item, discutimos resultados obtidos nas pesquisas e artigos publicados no interstício 2003 a 2007. É importante destacar que usamos a nomenclatura deficiência intelectual, como foi preconizada pela ONU em 1995, embora a nomenclatura utilizada em algumas pesquisas aqui relacionadas usa deficiência mental, como vamos mostrar a seguir abaixo.

A Tabela 1 evidencia o conteúdo encontrado nos 32 trabalhos sobre deficiência intelectual, corpo e sexualidade na BDTD, CAPES, *Scielo* e ANPED entre 2003 e 2007.

TÍTULO	AUTOR (ANO)	METODOLOGIA
Sexualidade da pessoa com síndrome de Down.	1) Castelão et al. (2003)	Estudo quali quantitativo
Sexualidade e deficiência mental: impacto de um programa de orientação para famílias.	2) Amaral (2004)	Estudo qualitativo
Sexualidade e deficiência mental: revisando pesquisas.	3) Pinheiro (2004)	Revisão
Entre o desejo e o medo de ver o filho adolescer: narrativas de pais de adolescentes com deficiência mental.	4) Bastos (2005)	Estudo qualitativo
Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica.	5) Bastos e Deslandes (2005)	Revisão
A qualidade de vida de adultos com deficiência mental leve, na percepção destas pessoas e na de seus cuidadores.	6) Zeoti (2005)	Estudo quali quantitativo
Identidade feminina e sexualidade na concepção de mulheres com síndrome de Down: educação sexual como caminho para a construção de maior autonomia.	7) Uzêda (2006)	Estudo qualitativo
A sexualidade como aspecto inclusivo: uma proposta de intervenção para pais e professores de Jovens com Deficiência Mental.	8) Albuquerque (2007)	Estudo qualitativo
Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente.	9) Luiz e Kubo (2007)	Relato de pesquisa
Educação sexual de pessoas com deficiência mental.	10) Pieczkowski (2007)	Ensaio teórico
Sexualidade da pessoa com deficiência mental: entre discursos de verdade e a possibilidade de outras práticas de si.	11) Santos (2007)	Estudo qualitativo

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da BDTD-IBICT, Banco de Teses e Dissertações e GT 15 - ANPED (2020).

Castelão, Shiavo e Jurberg (2003) analisaram a opinião de pais e profissionais sobre a sexualidade de pessoas com Síndrome de Down (SD), identificando como o

durante cursos patrocinados pela Federação Brasileira das Associações de Deficientes Mentais, em uma cidade de cada região do país: na região Sudeste, em Vitória; na região Nordeste, em Salvador, na região Sul, em Porto Alegre, e na região Norte, em Manaus. Os resultados evidenciaram que os pais infantilizam os filhos e os profissionais estão despreparados para orientar sexualmente pessoas com SD.

Em seu artigo, Pinheiro (2004) mostra uma revisão das pesquisas publicadas no período de 1971, envolvendo deficiência mental¹ e sexualidade. A autora constata que este tema tem sido ignorado pela falta de instrumentos para investigar o fenômeno brasileiro. Pinheiro (2004) defende ainda que as pessoas com deficiência mental possuem pouco conhecimento e experiência sexual e afirma que pais e profissionais fornecem uma educação sexual significativa. A pesquisadora aponta a necessidade de adaptar instrumentos para o conhecimento da realidade e para o desenvolvimento de programas de educação sexual.

Amaral (2004), em pesquisa de mestrado, identificou variáveis capazes de causar modificações nos repertórios de conceitos e comportamentos de oito famílias (cinco mães e uma responsável) de adolescentes e adultos com deficiência mental. A realização de um Programa de Orientação Sexual. A realização de entrevistas em instituições e/ou escolas especializadas, permitiu que a autora colhesse dados para caracterizar e examinar possíveis mudanças de repertório. As mudanças observadas na pesquisa foram favoráveis em termos de desenvolvimento da sexualidade e da autonomia das pessoas com deficiência mental.

Bastos (2005), em sua tese, analisou as perspectivas dos pais de jovens com deficiência mental sobre o adolecer e sobre as expressões da sexualidade de seus filhos. Ao entrevistar pais que tinham seus filhos atendidos no Instituto Fernando de Sá, pertencente a Fundação Oswaldo Cruz, percebeu a incerteza em reconhecer e exercer o exercício da sexualidade dos filhos. Destacou certa hesitação na concessão de liberdade aos filhos, já que os pais oscilam entre a aspiração e o medo de ver os filhos sofrerem. Posteriormente, Bastos e Deslandes (2005), com o objetivo de discutir a sexualidade de adolescentes com deficiência mental e as repercussões familiares da mesma, realizaram pesquisa bibliográfica na base de dados da Biblioteca Virtual Biracota. Os resultados mostraram que, com a chegada da adolescência, os pais se deparam com dificuldades para a integração social dos filhos, especialmente com o despertar sexual.

Em sua dissertação, Zeoti (2005) apontou para a opinião de adultos com deficiência mental, em relação à qualidade de vida e à opinião dos cuidadores. Avaliou a percepção gerada na vida desses cuidadores pelo cuidar das pessoas deficientes mentais em um Centro de Educação Especial na cidade de Ribeirão Preto. As pessoas com deficiência responderam a um instrumento que avalia a qualidade de vida (WHOQOL-

escala que avalia a sobrecarga ao cuidar, a “Burden Interview”. A autora aponta que pessoas com deficiência se apresentam satisfeitas e seus cuidadores não se sentem sobrecarregados, entretanto, há dúvidas e receios com relação à sexualidade de pessoas com deficiência mental.

Ao contemplar as vozes femininas, Uzêda (2006) analisou em seus estudos as concepções de mulheres com Síndrome de Down no que se refere à sexualidade feminina, e se os estigmas construídos socialmente relacionados à deficiência reforçando ideias de incapacidade e imaturidade atribuídas à mulher com deficiência. Por meio de oficinas com três mulheres com Síndrome de Down, frequentadoras da Sociedade Pestalozzi, no Estado da Bahia, evidenciou-se a desinformação e concepções distorcidas sobre corpo e sexualidade por parte dessas mulheres, além da dificuldade de desempenhar papéis sexuais em função do gênero.

Fundamentada na abordagem sociohistórica, a autora concluiu que uma deficiência cognitiva, leve ou moderada, não impossibilita a efetivação de programas de educação sexual, entendendo que a sexualidade é presente durante todo o desenvolvimento humano. Ao recorrer a autores(as) como Ciampa (1997), Berman e Vigotsky (1989,1997) e Glat (1996), a pesquisadora concluiu que a sexualidade de pessoas com deficiência mental, da maneira como tem sido pensada e tratada atualmente, constitui-se como fator impeditivo de uma efetiva inclusão social, favorecendo a perpetuação de estigmas. (o parágrafo foi dividido conforme solicitação do avaliador)

Albuquerque (2007), em pesquisa de mestrado, buscou compreender as percepções de pais e professores acerca da sexualidade dos filhos e alunos com deficiência. O estudo foi realizado numa escola especial na cidade de São Paulo. Após aulas teóricas e práticas semiestruturadas, a autora elaborou um curso como proposta de intervenção, fundamentando-se em autores como França Ribeiro (1995, 2001) e Maia (2004). Ela concluiu em seu estudo que houve a ampliação das reflexões sobre o tema da sexualidade de pessoas com deficiência mental, uma percepção da importância da sexualidade na vida de pessoas com deficiência mental, bem como uma atenção e respeito maior por suas necessidades afetivas-sexuais.

Pieczkowski (2007), considerando que a sexualidade de pessoas com deficiência mental é um tabu e provoca desconforto para a sociedade, causando confusões e desconfortos, desenvolveu um projeto em escola especial que atende pessoas com deficiência mental. O artigo ressalta a importância de conscientizar a sociedade sobre o fato de que pessoas com deficiência mental não são assexuadas, tampouco têm sua sexualidade suprimida. A autora concluiu ser imprescindível instrumentalizar profissionais e familiares com atitudes coerentes ao se depararem com manifestações de sexualidade de pessoas com deficiência mental, considerados ou não deficientes.

Luiz e Kubo (2007), visando descobrir as percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionamentos amorosos, entrevistou, individualmente, duas mulheres e dois homens com Síndrome de Down, com idade superior a 15 anos e moradores do país. Fundamentando-se em autores como Franco (1991), Glat (1993) e artigo evidenciou que percepções dos jovens com Síndrome de relacionamentos amorosos não diferem daquelas de jovens sem síndrome provavelmente, são desenvolvidas pelas oportunidades de se comportarem sob contingências que favoreçam comportamentos amorosos.

Em sua dissertação, Santos (2007) adotou, como fundamentação teórica de Foucault para investigar discursos de verdade sobre a sexualidade de pessoas com deficiência mental. A autora analisou duas teses e oito dissertações sob pressupostos foucaultianos. Suas análises indicaram que familiares e profissionais atuam com o grupo pressupõem que pessoas deficientes mentais são seropositivos, quando adultos, não demonstram desejo. Em outro extremo, são consideradas como possuindo uma sexualidade desmensurada.

Pesquisas desenvolvidas entre os anos 2008 e 2013

Neste item, discutiremos resultados obtidos nas pesquisas e artigos publicados no intervalo de tempo 2008 a 2013. Percebemos nesses trabalhos a ausência de evidências que demonstrem a capacidade de mulheres ditas com deficiência intelectual para o exercício do corpo e sexualidade.

Tabela 2 - Deficiência intelectual, corpo e sexualidade - Período entre 2008 e 2013

TÍTULO	AUTOR (ANO)	METODOLOGIA
Habilidades de autoproteção acerca do abuso sexual em mulheres com deficiência mental.	12) Barros et al. (2008)	Relato de pesquisa
Práticas discursivas e o silenciamento do doente mental: sexualidade negada?	13) Miranda et al. (2008)	Estudo qualitativo
Apropriação de práticas sociais relativas à sexualidade por jovens adultos com diagnóstico de deficiência intelectual.	14) Morales (2008)	Estudo qualitativo
A sexualidade na deficiência mental.	15) Almeida (2010)	Estudo qualitativo
Saber e prática na constituição da sexualidade da pessoa com deficiência mental.	16) Santos e Osório (2010)	Estudo qualitativo

<p>juvêns: deficiênciã intelectual e vulnerabilidade ao HIV/AIDS.</p>		
<p>Sexualidade e vulnerabilidade social de pessoas com transtornos mentais atendidas em serviçõs públicos de saúde mental no Brasil.</p>	18) Barbosa (2011)	Estudo qualitativo
<p>Sexualidade e deficiênciã intelectual: narrativas de pais de adolescentes.</p>	19) Bastos e Deslandes (2012)	Estudo qualitativo
<p>Sexualidade na deficiênciã intelectual: uma análise de percepçõs de mães de adolescentes especiais.</p>	20) Littig et al. (2012)	Relato de pesquisa
<p>Mulheres com deficiênciã intelectual e a esterilizaçã involuntária. De quem é esse corpo?</p>	21) Régis (2013)	Estudo qualitativo

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da BDTD-IBICT, Banco de Teses e Dissertações e GT 15 - ANPED (2020).

Barros, Williams e Brino (2008) entrevistaram seis mulheres frequentadoras de uma escola especializada no interior paulista, com o objetivo de investigar a percepção e a proteção contra abusos sexuais. As autoras constataram que as participantes possuem um repertório de habilidades de autoproteção adequado para se protegerem de potenciais abusos do ponto de vista sexual. De acordo com os resultados, a incapacidade de discriminar situações de risco confirma a vulnerabilidade sexual, tornando necessária a formação de programas de prevenção para adolescentes que apresentam déficit no repertório de habilidades de autoproteção.

Para compreender as apropriações de práticas sociais quanto à sexualidade e de Orientação Sexual na Educação de Jovens e Adultos, em instituição de ensino superior (2008) desenvolveu pesquisa de mestrado com dois grupos de adolescentes e jovens adultos com deficiência intelectual. A autora evidencia em sua pesquisa que os participantes formaram um grupo heterogêneo em relação à apropriação de conceitos sobre sexualidade. Constatou-se que os alunos, mesmo tendo poucas experiências de participação em práticas sociais além da escola, apropriaram-se de práticas sociais relativas à sexualidade construídas historicamente e coletivamente.

Miranda, Furegato e Azevedo (2008) investigaram as representações da sexualidade de profissionais enfermeiros sobre a sexualidade do doente mental. Com o objetivo de investigar as representações dos enfermeiros sobre a sexualidade do doente mental, utilizaram recurso técnico metodológico denominado Técnica de Investigaçã

de Ribeirão Preto (SP). Os autores verificaram que o profissional enfermeiro, ao abordar a sexualidade desse grupo, como uma forma de silêncio, estabelecendo limites sobre o assunto. Ao silenciar a sexualidade do doente mental, cumprem as expectativas do estatuto profissional, que é ir ao encontro das expectativas institucionais e

Almeida (2010) destaca, em artigo, que a sexualidade na deficiência é discutida e permeada de mitos, preconceitos e tabus. Na busca por conhecimentos, necessidades e sentimentos de pessoas deficientes mentais e jovens com este diagnóstico e alunos de escola pública. Por meio da análise de entrevistas, constatou que as(os) jovens (duas raparigas e um rapaz) possuem conhecimentos precários sobre sua sexualidade, com experiências limitadas vezes, privadas(o) de acesso à educação sexual adequada. A autora aponta que os conhecimentos dos sujeitos sobre o assunto são insuficientes, incorretos e que as maiores dificuldades para as pessoas com deficiência mental viverem a sua sexualidade são de ordem biológica, mas sim adaptativa” (ALMEIDA, 2010, p. 2).

Partindo dos resultados da análise de dez relatórios de pesquisa com abordagem teórica nos estudos de Foucault, Santos e Osório (2010) evidenciaram a relação entre a produção do saber e as práticas cotidianas estabelecidas no meio social. Este trabalho é parte da dissertação que analisou produções acadêmicas sobre a sexualidade com deficiência mental, relacionando-as a um projeto de orientação sexual com jovens com deficiência mental. Esse trabalho identificou um viés teórico e concepções de sexualidade e deficiência mental, condicionando a proposta de orientação sexual tida como antídoto para as manifestações da sexualidade de

Sodelli (2010), em sua dissertação, analisou os aspectos que contribuem para a vulnerabilidade ao HIV/AIDS de jovens com deficiência intelectual. Para isso, entrevistou 14 jovens, acima de 18 anos, de duas instituições para jovens com deficiência intelectual na cidade de São Paulo. Os depoimentos apontaram importantes aspectos de vulnerabilidade, tais como: nível de informação, vida sexual ativa, questões de relações afetivas e situações de violência. A autora evidenciou em sua pesquisa que a deficiência intelectual aparece como um dos elementos de vulnerabilidade, mas não determinante.

Considerando as altas taxas de prevalência de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e HIV/AIDS detectadas em pessoas com transtornos mentais no Brasil, destacou, em sua tese, representações dessas pessoas sobre sexualidade e prevenção. A autora, o autocuidado para a prevenção dos agravos sexualmente transmissíveis com dificuldades, o que decorre de diversos fatores objetivos e aspectos subjetivos, estes o tabu que envolve a temática da sexualidade. Foram realizadas entrevistas em profundidade com 39 pessoas com transtornos mentais severos

dificultar o autocuidado em situações de violência sexual, mostrou-se que certos comportamentos que contribuem para outras condutas de risco, como a de ve

As concepções que mães de jovens com deficiência intelectual sexualidade de seus filhos, e como elas irão refletir na adoção de prática sexual, foram investigadas por Littig et al. (2012). As autoras entrevistaram 10 mães de adolescentes com diagnóstico de deficiência intelectual, atendidos numa clínica localizada no Estado do Espírito Santo. As constatações do estudo dizem que as mães reconhecem uma identidade sexual em seus filhos e, por conseguinte, não oferecem educação sexual, reproduzindo a concepção social e cultural que nega a existência da sexualidade quando associada à deficiência intelectual.

Bastos e Deslandes (2012), em artigo, buscaram compreender como adolescentes com deficiência mental experienciavam as manifestações sexuais em seus filhos. As autoras entrevistaram 14 pais de adolescentes diagnosticados com deficiência mental atendidos em uma unidade pública de saúde no Estado do Rio de Janeiro. Elas concluíram que há preconceitos e desconhecimento sobre o tema. Para os pais de adolescentes do sexo masculino, a masturbação, a relação sexual e o uso de preservativo sexual foram pontos destacados. Por outro lado, os pais das adolescentes e as mudanças corporais e também a preocupação com o abuso sexual. As autoras destacaram a necessidade de ampliação de debates com os(as) adolescentes com deficiência mental com seus pais e com diversos setores da sociedade, com o objetivo de desconstruir preconceitos a respeito da sexualidade da pessoa com deficiência e, dessa forma, garantir seus direitos sexuais.

Régis (2013) investigou, em pesquisa de mestrado, discursos parciais sobre a esterilização involuntária de mulheres com deficiência intelectual. Foram identificados três casos de mulheres submetidas à esterilização e realizadas vinte e três entrevistas com cinco familiares dessas mulheres. Com relação à seleção dos sujeitos para a pesquisa, houve uma forma padronizada, já que cada instituição preferiu fazê-lo de maneira diferente. A pesquisa de Régis (2013) destacou a naturalização do procedimento de esterilização por familiares e profissionais, ao se depararem com a necessidade de cessar a gravidez para evitar uma gravidez e protegê-las da violência sexual. O receio de ter um filho com deficiência foi notado como um problema para essas famílias. As cirurgias foram realizadas em sua maioria, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mas a pesquisa ressaltou que em três casos foram seguidos os trâmites legais, via autorização judicial. Com isso, os familiares tendem a presumir a incapacidade dessas mulheres de cuidar de si mesmas, o que, segundo eles, incorreria em um ônus que seria assumir a responsabilidade

Pesquisas desenvolvidas entre os anos 2014 e 2020

nas teses, dissertações e publicações. Outro aspecto observado foi que trabalhos têm como foco a relação corpo, sexualidade e deficiência perspectiva dos aspectos institucionais, familiares e sociais; 10 (dez) de tratam, prioritariamente, da deficiência intelectual em relação ao corpo e à foco de 3 (três) trabalhos foi abuso sexual e HIV; e, por fim, apenas contemplou esterilização e contracepção da mulher com deficiência.

Tabela 3 - Deficiência intelectual, corpo e sexualidade - Período entre 2014 e 2020

TÍTULO	AUTOR (ANO)	METODOLOGIA
Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento.	22) Dantas et al. (2014)	Estudo qualitativo
Assexuados, libidinosos ou um paradoxo sexual? Gênero – e sexualidade em pessoas com deficiência intelectual.	23) Oliveira (2014)	Estudo qualitativo
Representações de profissionais da saúde mental sobre sexualidade de pessoas com transtornos mentais.	24) Souza (2014)	Estudo qualitativo
Sexualidade e deficiência intelectual: concepções, vivências e o papel da educação.	25) Vieira e Coelho (2014)	Estudo qualitativo
Opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual.	26) Maia et al. (2015)	Estudo qualiquantitativo
Sexualidade e deficiências: dando vozes aos adolescentes por meio de oficinas pedagógicas.	27) Paliarin (2015)	Estudo qualitativo
Cartografando a Gestão Familiar do Sujeito narrado em uma Construção de anormalidade Intelectual: Intersecções entre Gênero, Sexualidade e “Deficiência”.	28) Silva (2015)	Estudo qualitativo
Produção do conhecimento sobre sexualidade e deficiência Intelectual e/ou síndrome de down.	29) Rosa (2016)	Estudo qualitativo
Sexualidade e transtorno do Espectro autista: relatos de familiares.	30) Vieira (2016)	Estudo qualitativo
Mulheres ditas com deficiência	31) Pereira (2019)	Estudo qualitativo

possibilidades dos contextos inclusivos		
Opiniões de mães e profissionais sobre a sexualidade de Pessoas com deficiência intelectual.	32) Gonçalves e Barbosa (2020)	Estudo qualitativo

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de dados da BDTD-IBICT, Banco de Teses e Dissertações, SciELO e GT 15 - ANPED (2020).

Souza (2014), em pesquisa de doutorado, questionou profissionais de serviços de saúde mental da rede pública de Minas Gerais sobre o conhecimento e a sexualidade das pessoas com transtornos mentais. Os sujeitos da pesquisa foram grupos focais com 54 profissionais de serviços públicos de saúde mental do município de Belo Horizonte. As representações dos profissionais de saúde mental contribuem para a perpetuação de estigmas e preconceitos sobre a vivência plena da sexualidade de pessoas com transtornos mentais. A autora constatou a quase inexistência de ações de promoção de saúde para as pessoas com transtornos mentais, bem como as limitações naquelas relacionadas ao despreparo dos participantes, advindo desde as formações profissionais.

Oliveira (2014) entrevistou professores, técnicos especialistas e funcionários da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), numa cidade do interior de Minas Gerais, e analisou os prontuários de atendimento dos matriculados. Concluiu com sua pesquisa que os docentes e profissionais da APAE encaram a deficiência intelectual como um sinônimo de falta, desvantagem e incapacidade, enquanto os discentes percebem a deficiência intelectual é uma das múltiplas configurações do existir humano. Para os professores, a sexualidade dos alunos é descontrolada e perigosa, por outro lado, os alunos assumem a sexualidade como uma maneira de suavizar a diferença, em razão de que não possuem deficiência intelectual, como um prazer que nada tem de anormal.

Dantas, Silva e Carvalho (2014) analisaram o processo de empoderamento e o exercício da autoadvocacia na vida de uma jovem deficiente intelectual. O conceito de autoadvocacia se fundamenta no princípio de que o próprio indivíduo tem o direito de participar de decisões sobre a sua pessoa. A pesquisa adota a metodologia qualitativa e contribui para o campo de investigação sobre deficiências, gênero e sexualidade. A partir da visibilidade da história de vida de uma mulher com deficiência intelectual, as autoras evidenciaram que a superação do rótulo de incapacitante foi condição necessária para que ela se reconhecesse como uma mulher sexuada, com a capacidade de tomar decisões e viver seus desejos.

Vieira e Coelho (2014) pesquisaram as concepções e vivências de jovens com deficiência intelectual por meio de entrevistas individuais com 13 sujeitos.

conhecimentos prévios e concepções sobre a temática, acesso à educação, relacionamentos afetivos, autoimagem, prazer, etc. Os jovens entrevistados foram pouco informados sobre a temática da sexualidade e apresentaram relacionamentos que indicam vulnerabilidade e exposição a situações de risco no âmbito biológico quanto psicossocial, o que evidencia a necessidade de intervenção no tema e ampliação de ações no âmbito da Educação.

Em sua dissertação, Silva (2015) analisou discursos envolvidos na construção de sexualidades interpeladas como abjetas, privilegiando as intersecções entre a sexualidade no contexto da gestão familiar de sujeitos narrados numa construção de anormalidade intelectual. Adotou como campo de análise as práticas sociais institucionais e suas relações com os discursos/práticas da gestão familiar, cartográfico que problematiza corpo, gênero e sexualidade dos sujeitos na construção de anormalidade intelectual no campo da saúde e educação, e a gestão familiar as construções discursivas que implicam a (in)visibilidade desses sujeitos no contexto da sociedade. Por meio de doze interlocutoras analisou as construções discursivas da gestão familiar quando acionadas as práticas da sexualidade dos/das filhos/as narrados/as numa construção de anormalidade intelectual regularmente matriculados em um Centro de Atendimento Especializado (CAEE) em Fortaleza. A autora privilegiou leituras aproximadas dos estudos feministas, numa perspectiva desconstrucionista pós-estruturalista. Ressaltou os corpos construídos nos discursos histórico-sociais e a articulação e construção do sujeito abjeto/monstruoso e (in)corrigível, a partir dos discursos normativos que são acionadas na gestão da sexualidade e da deficiência.

Paliarin (2015) investigou em sua pesquisa de mestrado os diversos desafios para trabalhar com a sexualidade dentro de instituições de educação especial. Com sua experiência em oficinas de sexualidade, realizadas em uma instituição de educação especial (APAE), para alunos em situação de deficiência intelectual, com idade entre cinco e seis anos. Reconheceu que os obstáculos para trabalhar o tema parecem ocorrer principalmente pela discriminação social, considerando que pessoas com deficiência são vistas como assexuadas ou hipersexualizadas. A pesquisadora considerou importante de romper as barreiras, constatando a possibilidade de tratar a sexualidade de forma espontânea em oficinas. Destacou-se ainda a necessidade de desenvolver oficinas temáticas sem os julgamentos já assimilados, para que, dadas as referências, os participantes criem suas próprias ideias e concepções sobre os temas tratados.

Maia et al. (2015) investigaram em estudo descritivo, por meio de questionário, a análise quali-quantitativa, a opinião de 451 professores sobre a sexualidade de alunos com deficiência intelectual. O interesse foi investigar a opinião dos professores cursistas do curso "Práticas em educação especial e inclusiva".

especificamente suas percepções e sentimentos em relação ao alunado com deficiência intelectual. Os resultados da pesquisa revelaram ser preciso investir na formação significativa em educação sexual para os professores que atuam nas escolas.

Rosa (2016), em sua monografia, apontou a produção de conhecimento sobre a sexualidade das pessoas com deficiência intelectual e/ou Síndrome de Down na escola a partir da aprovação do Caderno “Orientação Sexual” relativo aos PCNs. Ela analisou artigos publicados em bases de dados e analisou o material obtido mediante análise de conteúdo temática (BARDIN, 2000). Constatou que a sexualidade das pessoas com deficiência intelectual e/ou síndrome de Down é permeada por mitos, conceitos ambíguos como os de assexuados e hipersexuados. Concluiu que elas ainda enfrentam a segregação e o preconceito social da sociedade diante de sua sexualidade na escola. Defende ser urgente a criação de programas de orientação sexual que considerem as especificidades das pessoas com deficiência intelectual e síndrome de Down para a diminuição dos mitos e estereótipos sobre a sexualidade pública bem como para a efetivação de seus direitos sexuais e reprodutivos historicamente negados por influência de discursos baseados nos padrões de opressores desse grupo social.

Vieira (2016), em sua dissertação, investigou as opiniões e ações de pais e mães sobre a sexualidade de seus filhos com Transtorno do Espectro Autista ou Síndrome de TEA/SA, com idade entre 10 e 22 anos, frequentadores de instituições de ensino especial. Por meio de entrevistas, a autora concluiu que quase não há educação sexual em parte das mães: algumas se utilizam de explicações metafóricas, outras consultam psicólogos ou não falam sobre o assunto. Como resultado, evidenciou-se a falta de educação sexual em filhos deficientes. A autora ressalta o direito das pessoas com TEA/SA de exercerem sua sexualidade na sociedade inclusiva e, portanto, defende a garantia do acesso à educação sexual ao longo de todo seu desenvolvimento humano.

Em sua dissertação, Pereira (2019) buscou compreender como as mulheres com deficiência intelectual lidam com o corpo e a sexualidade e como os discursos produzem e reproduzem discursos sobre os corpos dessas mulheres. Por meio de discurso de Foucault (1996), analisou os discursos acerca da deficiência, do corpo e da sexualidade. A autora ressalta a ausência de pesquisas voltadas para a relação entre corpo e sexualidade das mulheres consideradas com deficiência intelectual. Na sua pesquisa de campo, realizada em duas instituições, que abrigam mulheres com deficiência intelectual, de Minas Gerais, a autora escutou mulheres com deficiência intelectual e investigou suas percepções sobre o corpo e a sexualidade. A pesquisa evidenciou que as mulheres ainda se encontram invisibilizadas, silenciadas e desconsideradas, inclusive em pesquisas que envolvem a produção de conhecimento sobre o tema. E que essas mulheres, apesar das dificuldades encontradas,

espaço na sociedade, aumentando sua participação social e se impondo de maneiras.

Gonçalves e Barbosa (2020) investigaram sobre a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual, segundo a perspectiva de profissionais da instituição Navirai, e familiares que convivem com essa realidade. A pesquisa foi realizada com profissionais e três responsáveis por pessoas adultas com deficiência. Os resultados indicaram que existem alguns mitos, tais como: Pessoas com deficiência são assexuadas ou hiperssexuadas, pessoas com deficiência não conseguem usufruir o sexo normal ou ainda que, a reprodução para pessoas com deficiência é sempre problemática. A autora conclui que tais mitos não se confirmam, havendo a necessidade de superação desses mitos. E que a sexualidade é uma das características humanas sentidas por todos e, sendo assim, todos têm o direito de usufruí-la, inclusive as pessoas que têm deficiência intelectual.

Discursos de verdade e a produção do corpo da mulher com deficiência intelectual

A despeito dos limites do Estado da arte que analisa pesquisas por meio de resumos, notamos que o discurso científico reitera posições estereotipadas sobre os corpos e a sexualidade da mulher considerada com deficiência intelectual. As pesquisas acadêmicas localizadas nos bancos de dados acerca da deficiência intelectual reiteram estereótipos de cunho depreciativo arraigados pela sociedade. A maioria dos trabalhos reproduzem discursos que reforçam concepções de que esse grupo está estagnado em um lugar de passividade, opressão, incapaz de romper com as verdades da sociedade.

Algumas produções acadêmicas, por meio dos discursos de verdades, (re)produzem os corpos das mulheres consideradas com deficiência intelectual, de forma que mantendo-as no lugar de vítimas, não destacando suas potencialidades, e não contribuem para o avanço teórico no campo, nem tampouco para o empoderamento das mulheres.

Ressaltamos a insuficiência de estudos que investiguem a resistência, a agência e o potencial das mulheres ditas com deficiência intelectual nas pesquisas acerca da sexualidade e da deficiência intelectual. O Estado da arte mostrou que as produções acadêmicas (re)produzem os corpos e a sexualidade dessas mulheres em lugares de corpos enclausurados e aniquilados. As produções teóricas e acadêmicas sobre essas mulheres e seus corpos estariam mantendo e reforçando o lugar de se

Algumas dessas pesquisas demonstram ser imprescindível a participação dos profissionais e familiares, a fim de tomarem atitudes coerentes ao se c

como o de Pieczkowski (2007), Almeida (2010) e Oliveira (2014) indicam que com deficiência mental/intelectual, as barreiras encontradas para vivenciarem não são de ordem biológica, mas sim adaptativa.

Esses estudos indicam que ainda há um preconceito implícito, em se tratando do sujeito com deficiência intelectual na sociedade, sendo possível de coerçitivas e certo descaso quanto aos seus sentimentos, infantilizando ou em maneira de lidar com o corpo e a sexualidade. Estudos como o de Bastos (2007) (2012) e Oliveira (2012) destacam que sujeitos com deficiência intelectual são assexuados ou, em outro extremo, como hipersexualizados.

Outros desses trabalhos destacam a forma de ver a deficiência como ressaltando que os discursos sociais acerca da pessoa considerada com deficiência intelectual a julgam como incapaz de fazer suas escolhas, ainda que relacionando corpo. Destacam ainda que a sexualidade na sociedade não é compreendida em contornos biológico-reprodutivo e não alcança o campo da afetividade, da dor, do sentimento e de experiências compartilhadas.

Em nossa pesquisa, consideramos que os corpos das mulheres com deficiência intelectual são considerados corpos abjetos. Os corpos considerados abjetos estão desconstituídos de sua humanidade e, por isso, são relegados à marginalidade; segundo Butler (2003). O abjeto não se restringe de modo algum à heteronormatividade: “Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como não importante” (BUTLER, 2010). Butler (2010) nomeia de abjetos os que ocupam zonas inóspitas e inabitáveis. Os abjetos não gozam do status de sujeito, mas seu habitar sob o signo da marginalidade é preciso para marcar o domínio do sujeito. Estariam os corpos das mulheres com deficiência intelectual distantes de tais zonas inóspitas?

Segundo Butler (2010), a reconstituição dos corpos introduz a dinâmica que denuncia a indissociabilidade entre a matéria dos corpos e as normas que os governam a materialização e significação dos seus efeitos. A construção do sujeito é encarada como um dado corporal sobre o qual o constructo do gênero é imposto, e sim como uma norma cultural que governa e materializa os corpos. Portanto, as palavras, os seres humanos são (re)constituídos por meio dos discursos e das verdades dos ambientes sociais que os cercam (BUTLER, 2010).

Os discursos produzem saberes e o saber é poder, assim, ao desvelar as potencialidades dessas mulheres, algumas pesquisas acadêmicas contribuem para a desconstrução e a desnaturalização dos estereótipos presentes em nossa sociedade, que ainda distanciam os corpos desse grupo de mulheres.

desenham quem é o oprimido e quem é o opressor. O poder está nas relações, assim sendo, as mulheres consideradas com deficiência intelectual também não são exceção no contexto onde se encontram. A escassez de estudos com foco no poder exercido por tais mulheres com deficiência intelectual evidencia que o poder exercido por tais mulheres é esquecido pela maioria das pesquisas localizadas no Estado da arte. Como o poder circula e todos exercem poder, o que não é diferente para as mulheres com deficiência intelectual.

Segundo Foucault (1993), o poder não deve ser entendido como um conceito abstrato, como uma *ideia* ou *identidade teórica*. Em vez disso, deve ser entendido como exercício, que só existe em sua materialidade, realizado em níveis diversificados e múltiplas direções no cotidiano, por meio de instituições como a escola, a prisão, o quartel, a fábrica, os meios de comunicação e as ciências.

Onde há poder, há também resistência, por isso, essa nunca é externa ao poder. Devemos admitir que se viva absolutamente *no* poder, já que de acordo com Foucault (1993) defende que as relações de poder existem em função de um jogo de pontos de resistência que representam a correlação de poder, a figura de oposição, de suporte, de evidência que permite a apreensão.

Conclusão

Notamos nesses trabalhos de investigação acerca da deficiência intelectual em relação com o corpo e sexualidade a importância de realinhar os discursos e práticas tanto nas práticas educacionais e cotidianas, quanto nas próprias pesquisas, levando-se em conta que o sujeito dito com deficiência intelectual deve compreender questões relacionadas ao corpo e à sexualidade, especialmente mulheres compreendendo a sexualidade como tema central de nossa existência.

As pesquisas apresentadas apontam discussões genéricas acerca da deficiência, em relação aos seus corpos, gêneros e sexualidades. Algumas abordam a deficiência mental ou intelectual nessa relação, mas em sua maioria evidenciam discussões específicas sobre mulheres com deficiência intelectual, e que denunciam os poucos espaços para as mulheres consideradas deficientes relatarem suas dúvidas, curiosidades e anseios. Ajudam-nos a interrogar a relação à sexualidade, ao constatarmos que a sociedade ora reconhece a deficiência intelectual como assexuada, ora a julga como hipersexuada.

Além desse aspecto, nas pesquisas encontradas, são destacadas concepções preconceituosas do senso comum que ainda predominam com relação às pessoas ditas com deficiência intelectual, tais como: “são desinteressantes, indefesas e incapazes de vivenciar o sexo de maneira natural”. Esses trabalhos

estéreis, geradoras de filhos com deficiência ou ainda sem condições de exercer a maternidade. Tais crenças revelam os discursos preconceituosos que compreendem essas mulheres como desviantes dos padrões definidores de normalidade. A reprodução é um modo de dificultar a superação da discriminação social que prejudica os ideais de uma sociedade inclusiva.

As pesquisas evidenciam que os obstáculos para trabalhar com a educação em instituições parecem ainda tender para o viés biologizante, sendo reforçados pelos discursos de verdade, os quais consideram que pessoas ditas com deficiência intelectual são assexuadas ou hipersexualizadas. Porém, algumas delas reiteram a necessidade de romper com as dificuldades de tratar o tema, tornando os assuntos relacionados à Educação Sexual mais espontâneos, e facilitando a transmissão de informações que nem sempre estão claras e possibilitando uma melhor compreensão do seu corpo e da sua sexualidade.

Para finalizar, em nossa pesquisa reiteramos que as mulheres com deficiência intelectual nem sempre são frágeis, muitas se impõem. Contudo, são fragilizadas em diversos discursos, inclusive acadêmicos, embora singulares e que refutam esse lugar de subalternidade por muito tempo lhes reservado.

Referências

- ALBUQUERQUE, Paloma Pegolo. A sexualidade como aspecto inclusivo: um estudo de intervenção para pais e professores de Jovens com Deficiência Mental. **Dissertação** (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2007.
- ALMEIDA, Paula Alexandra Camelo. A sexualidade na Deficiência Mental. **Saúde em Debate**, Porto, n. 15, p. 01-09, 2010. Disponível em: <https://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/96>. Acesso em 14 jul 2020.
- AMARAL, Mariana Clivati. Sexualidade e deficiência mental: impacto de um programa de orientação para famílias. **Dissertação** (Mestrado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, São Carlos, 2010.
- BARBOSA, Jaqueline Almeida Guimarães. Sexualidade e vulnerabilidade social em transtornos mentais atendidas em serviços públicos de saúde mental no Rio de Janeiro (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem, Belo Horizonte, 2011.
- BARROS, Roberta Dias; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque; BRINCO, Faria. Habilidades de autoproteção acerca do abuso sexual em mulheres com deficiência mental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 14, n. 1, p. 93-104, 2010.
- BASTOS, Olga Maria. Entre o desejo e o medo de ver o filho adotar: narrativas de adolescentes com deficiência mental. **Tese** (Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente) - Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Fernandes Figueira, Rio de Janeiro, 2010.
- BASTOS, Olga Maria; DESLANDES, Suely Ferreira. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 10, n. 2, p. 389-397, abr./jun 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a17v10n2.pdf>. Acesso em 12 maio 2020.
- BROGNA, P. *Visiones y revisiones de la discapacidad*. México: FCE, 2009.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CASTELÃO, Talita Borges; SHIAVO, Márcio Ruiz; JURBERG, Pedro. Sexualidade com síndrome de Down. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 37, n.1, p. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsp/v37n1/13542.pdf>. Acesso em 10 maio 2020.

DANTAS, Taísa Caldas; SILVA, Jackeline Susann Souza; CARVALHO, Maria. Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de ru empoderamento. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 20, n out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n4/a07v20n4> em 11 maio 2020.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FERREIRA, Norma Sandra. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Edu Sociedade**, ano XXIII, v. 23, nº 79, p. 257-272, agos /2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em 14 jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade humana I: a vontade de saber**. Janeiro: Graal, 1993 [1976].

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985 [1984].

GAUDENZI, P.; ORTEGA, F. Problematizando o conceito de deficiência a partir de autonomia e normalidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 2 3068-3070, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/141381232015211> Acesso em 20 jun. 2018.

GIAMI, Alain. **O anjo e a fera: sexualidade, deficiência mental, instituição**. São do Psicólogo, 2004.

GLAT, Rosana. **Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência**. Rio de Janeiro: Agir, 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada**. Janeiro: Guanabara, 1988.

GONÇALVES, Josiane Peres; Barbosa, Maria Madalena Freitas. Opiniões de profissionais sobre a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual. **Rev Santa Cruz**, v. 10, p. 01-30, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24065/29460.2020v10n01D1143>. Acesso em 06 set. 2020.

LITTIG, Patrícia Matos Caldeira Brant. et al. Sexualidade na deficiência intelectual: análise de percepções de mães de adolescentes especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 469-486, set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v18n3/a08.pdf>. Acesso em 12 maio 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. **A Pesquisa em Educação: abordagens e métodos**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 2003.

LUIZ, Elaine Cristina; KUBO, Olga Mitsue. Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 13, n. 2, p. 219-238, maio/ago. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S141365382007000200006&lng=es&nriso&tlng=pt. Acesso em 10 maio 2020.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. et al. Opinião de professores sobre a sexualidade e educação sexual de alunos com deficiência intelectual. **Estudos de Psicologia**, v. 32, n. 3, p. 427-435, jul./set. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2015000300427. Acesso em 09 maio 2020.

MIRANDA, Francisco Arnaldo Nunes; FUREGATO, Antonia Regina Ferreira; / Dulcian Medeiros. Práticas discursivas e o silenciamento do doente mental: se negada? **Escola Anna Nery Revista Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, mar. 2008.

MORALES, Aida Souza. Apropriação de práticas sociais relativas à sexualidade em adultos com diagnóstico de deficiência intelectual. **Dissertação** (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, 2008.

OLIVEIRA, Lílian Gonçalves. O corpo e a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual: uma abordagem fenomenológica. **Dissertação** (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, 2008.

antropologia Social) - Universidade Federal de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2014.

PALIARIN, Franciely. Sexualidade e deficiências: dando vozes aos adolescentes em oficinas pedagógicas. **Dissertação** (Mestrado Profissional em Educação Sexual) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2015.

PEREIRA, Alcilene. Mulheres ditas com deficiência intelectual: Limites e possibilidades em contextos inclusivos. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Mariana, 2019.

PESSOTTI, Isaías. **Deficiência mental: da superstição à ciência**. São Paulo: Alameda, 2014.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. Educação sexual de pessoas com deficiência intelectual. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, n. 30, p. 1-8, nov. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4086>. Acesso em 04 de maio de 2020.

PINHEIRO, Sílvia Nara Siqueira. Sexualidade e deficiência mental: revisando o conceito de deficiência. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 199-206. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572004000200008>. Acesso em 10 mai. 2020.

RÉGIS, Hebe Cristina Bastos. Mulheres com deficiência intelectual e a esterilidade involuntária. De quem é esse corpo? **Dissertação** (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2017.

RIOS, Clarice. “Nada sobre nós, sem nós”? O corpo na construção do autista: uma perspectiva social e política. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 212-230. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S19864872017000100212&lng=en&nrm=iso. Acesso em 04 de maio de 2020.

ROSA, Maria de Fátima da. Produção do conhecimento sobre sexualidade e deficiência intelectual e/ou síndrome de down. **Monografia** (Especialização)- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, SC, 2018.

SANTOS, Myrna Wolff Brachmann. Sexualidade da pessoa com deficiência mental: entre discursos de verdade e a possibilidade de outras práticas de si. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências e Letras, Campo Grande, 2007.

SANTOS, Myrna Wolff Brachmann; OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento. A construção da sexualidade da pessoa com deficiência mental. 2010. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 23, n. 36, p. 117-130, jan./abr. 2010 Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/1437>. Acesso em: 12 de maio de 2020.

SASSAKI, Romeu Kasumi. Atualizações semânticas na inclusão de pessoas com deficiência mental ou intelectual? Doença ou transtorno mental? **Revista Nacional de Recursos Humanos**, São Paulo, ano IX, n. 43, p. 9-10, mar./abr. 2005. Disponível em: http://www.pcd.mppr.mp.br/arquivos/File/ArtigoDeficiencia_mental_ou_intelectual.pdf. Acesso em 3 maio 2020.

SILVA, Sandra Maria Alexandre. Cartografando a Gestão Familiar do Sujeito com Deficiência: uma Construção de Anormalidade Intelectual: intersecções entre Gênero, Sexo e “Deficiência”. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Fortaleza, 2015.

SODELLI, Fernanda Guilard. Questões invisíveis e as histórias contadas por pessoas com deficiência intelectual e vulnerabilidade ao hiv/aids. **Dissertação** (Mestrado em Educação em Desenvolvimento) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Centro de Ciências e Letras, São Paulo, 2010.

SOUZA, Marina Celly Martins Ribeiro. Representações de profissionais da saúde sobre sexualidade de pessoas com transtornos mentais. **Tese** (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem, Belo Horizonte, 2018.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual dos transtornos escolares: entendendo os problemas de aprendizagem e adolescentes na escola**. 5 ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2014.

UZÊDA, Sheila de Quadros. Identidade feminina e sexualidade na concepção de uma pessoa com Síndrome de Down: educação sexual como caminho para a construção de uma vida plena. 2018. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Mariana, 2019.

VIEIRA, Ana Carla. Sexualidade e transtorno do espectro autista: relatos de fami
Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - U
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências, Bauru, 2016.

VIEIRA, Camila Mugnai. Coelho, Marili André. Sexualidade e deficiência inte
concepções, vivências e o papel da educação. **Revista Tempos e Espaços e**
201-212. <https://doi.org/10.20952/revtee.v0i0.3268>. Acesso em 06 set. 2020.

ZEOTI, Fernanda Saviani. A qualidade de vida de adultos com deficiência me
percepção destas pessoas e na de seus cuidadores. **Dissertação** (Mestrado
Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 2005.

Notas

¹ Neste trabalho estamos sendo fiéis aos termos utilizados nos trabalhos localizados n
Contudo, ressaltamos que em 1995 a Organização das Nações Unidas – ONU alterou c
mental para deficiência intelectual, com o objetivo de diferenciá-la da doença mental (transt
não necessariamente estão associados ao déficit intelectual). A pessoa com deficiência intel
se por ter um funcionamento intelectual significativamente inferior à média, acompanh
significativas no funcionamento adaptativo em pelo menos duas das seguintes área
comunicação, autocuidados, vida doméstica, habilidades sociais/interpessoais, uso de recu
autossuficiência, habilidades acadêmicas, trabalho, lazer, saúde e se
<http://www.institutoparadigma.org.br>).

Correspondência

Alcilene Rodrigues Pereira – Rua José Raimundo Figueiredo, Número 2
Cristóvão, Mariana, Minas Gerais– Brasil.

CEP: 35.420-000



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-Non
International (CC BY-NC 4.0)